

*São Jorge Amado dos Ilhéus**

Maria Severina Batista Guimarães*

Professora UEG e Coordenadora Acadêmica FMB

RESUMO - O presente trabalho é um artigo literário que analisa a obra *São Jorge dos Ilhéus*, de Jorge Amado, no intuito de inserir esse romance entre os mais importantes da década de 30, compondo, juntamente com Graciliano Ramos, José Lins do Rego e outros importantes autores, um painel social dessa década. Em *São Jorge dos Ilhes*, Jorge Amado mostra como se deu a posse da terra no interior da Bahia, mais especificamente no Sul, onde as férteis fazendas produtoras de cacau eram disputadas pelos coronéis e pelos negociantes atravessadores, num processo sempre lesivo àqueles que realmente trabalhavam nas lavouras.

PALAVRAS CHAVE: Engajamento, regionalismo, crítica, consciência social.

São Jorge dos brancos, Oxossi dos negros. Ogum, Espírito guerreiro nos mistérios dos terreiros da Bahia; santo-orixá que preside às lutas e ao sincretismo religioso dos herdeiros de África e de Portugal. Sua espada afiada fulmina o alvo, com presteza, com coragem, com justiça. Jorge Amado, espírito também guerreiro encarnado nos mistérios da literatura, bom de luta como seu xará, a zelar pela justiça social e pela cultura de seu povo. Todavia, sua arma é a palavra, não menos afiada, não menos certa, não menos fulminante.

Como a maioria dos romancistas da década de 30, Jorge Amado, com mais disposição para a luta do que para santo, utiliza de sua obra para denunciar as contradições que caracterizam nossa formação social, as injustiças que perpassam as divisões de classes, a política mandonista, a ocupação da terra dividida em feudos ocupados por coronéis despóticos, o jogo do prestígio político, a esperteza da “máquina mercante”...

São Jorge dos Ilhéus é uma obra que trata especialmente da questão comercial da exportação e do exportador, “sagaz brichote” intermediário que não se contenta com os lucros, quer ser dono da terra para melhor controlar o mercado e consolidar o poderio. O romance

* Texto Premiado no III Concurso Literário promovido pela FENABB em 2002

desnuda os estratagemas da abominável máquina mercante que já fora execrada pelo poeta Gregório de Matos séculos atrás e continua ativa na era do progresso, transformando a região de Ilhéus e arruinando seus moradores. Não troca açúcar excelente por drogas inúteis, mas empresta dinheiro a juros altos, exigindo a terra em garantia, à espera da baixa do cacau para se apropriar dos bens dos fazendeiros endividados. A operação de barganha continua sendo lesiva ao produtor da mercancia tropical assim como o foi no tempo da colônia. O espaço de tais conflitos é a Bahia, cidade de Ilhéus, a “Rainha do Sul”, pela sua força comercial e sua riqueza, de cujo porto saía, na época retratada no romance, quase cem por cento do cacau exportado do Brasil. Supõe-se que o movimento de navios seja proporcional ao que impressionou o poeta baiano do século XVII.

Trata-se de um romance que expõe as “idéias fora do lugar” que caracterizam o ‘desenvolvimento’ brasileiro, principalmente as mudanças sociais e econômicas que afetam sempre de forma negativa os desvalidos e que, na verdade, em nada alteram a estrutura desproporcional da posse das riquezas do país e o sistema de trabalho escravo, só que agora numa vigência dissimulada.

Nesse romance, como em quase todos do autor, as massas passam a ser o “leitmotiv”, promovendo um desaburguesamento da literatura e evidenciando a necessidade de reajustamento e uma urgente tomada de consciência das classes exploradas – sejam elas de fazendeiros ou de peões, fazendeiros engolindo os pequenos lavradores e sendo engolidos pelos exportadores – ambas sem uma visão mais ampla de sua condição e de seu futuro. A literatura passa a ter essa função de “antena do povo”, como diria Pound, no sentido de captar a dimensão lírica desse homem massacrado pelo sistema social.

* Coordenadora Acadêmica da FMB/ISEMB, Professora de Literatura do Curso de Letras da UEG – Unidade Universitária de São Luís de Montes Belos

Como movimento de integração cultural, os romances de Jorge Amado, em especial os da fase de maior engajamento social, na qual se inclui *São Jorge dos Ilhéus* (1944), vêm retratar a sensibilidade e a existência de um povo que luta pela sobrevivência, mas também pela alegria, pelo prazer sensual e pelas festas que são próprias de sua herança ancestral. Além de ser objeto de arte, este livro constitui-se num retrato da realidade viva, rica e palpitante, uma obra a impor o seu lugar na história de um país, como patrimônio estético e histórico de nossa sociedade.

Dessa forma, equilibrando-se entre a dimensão poética e histórica, como bem aponta o crítico Antonio Candido(1992), o romance tem uma função dupla, ou seja, de objeto estético e de denúncia. Ao penetrar na poesia do povo, Jorge Amado traz para o centro de sua narrativa as mais diferentes classes sociais, como o poeta Sérgio Moura, que é leitor apaixonado de Baudelaire e Whitman; a rica e insatisfeita Julieta, esposa do exportador de cacau Carlos Zude; o militante de esquerda Joaquim, com sua irrevogável crença no futuro; a saga dos Badarós, através da remanescente da família, Don'Ana Badaró. Descentralizar a narrativa de um único núcleo é captar o que há de mais verdadeiro e complexo nas relações humanas. E é isso o que faz o escritor baiano e, se não alcança uma análise psicológica mais profunda de suas personagens – ao modelo de Graciliano Ramos – confere-lhes um sentido lírico, que acaba sendo uma outra forma de conhecimento e que resgata um outro sentido da vida.

Dividido, como já foi dito, entre a poesia e o romance documental, Jorge Amado produz uma obra que é também história. História do Brasil, da Bahia, de sua gente com seus costumes e crenças. Numa narrativa apaixonada, suas personagens ganham vida através de sua visão poetizada. O que é documental, como as mudanças de costumes, os modelos urbanos sendo impostos na zona rural, as transações comerciais, a convivência entre o arcaico e o moderno, acaba por se transformar no tema da eterna luta do ser humano em busca de seu próprio

conhecimento em relação ao mundo que o cerca, como é o caso de Raimunda, a quem o narrador poeticamente define como “*plantada na terra, uma árvore da terra mais que uma mulher. Árvore.*”

Os dramas vividos por seus personagens não se resolvem através de relações externas, imediatas e concretas, com certa superficialidade que é compensada pela beleza da linguagem poética. Escritor que se equilibra dialeticamente entre o poético e o prosaico, é um inspirado que escreve sob o impacto da emoção e é por esse viés que envolve o leitor. Através da dimensão lírica, o autor documenta a vida de várias classes sociais e amplia a compreensão sobre o processo histórico da formação das classes espoliadas. Os antagonismos se cristalizam, as lutas se desencadeiam, os valores se deterioram e a palavra é o registro fiel dessa realidade.

Para eternizar esse universo, o autor emprega uma linguagem que se organiza repetindo a fala coloquial, sem se prender às normas da gramática normativa, mas pautando-se pelo ritmo gostoso da fala do povo, e, em alguns momentos mais poéticos, pela força da imagem construída pela linguagem figurada, conduzindo o leitor ao espaço do lirismo e do sonho. Os devaneios de Varapau, sua ânsia de liberdade, mas, ao mesmo tempo, o senso de responsabilidade como líder de um grupo, seu amor tresloucado por Rosa e seu desdobramento na paixão de Florindo pela a imagem de mulher forjada na solidão pelas palavras do amigo, são momentos de envolvimento que enredam o leitor nessa teia mágica construída pela palavra.

A febre do cacau, a sede de dinheiro que gera o poder, as ruas compridas onde as prostitutas, nas janelas, entoam as cantigas de oferecimento de sua mercadoria, os fornos de secagem de cacau como maquetes do inferno, tudo, enfim, em função de uma máquina mercante que leva a de roldão numa enxurrada de sangue e lágrimas. Uns e outros atirados no vendaval do capitalismo em que sempre vence o mais esperto. Nesse sentido, a obra é de uma atualidade

inegável, pois se se pensar na globalização em todos os níveis, no mercado competitivo e nada cooperativo, na antropofagia cultural e financeira do capitalismo moderno, na espoliação do patrimônio nacional e na exploração das matérias-primas pelos importadores, e em tantos outros desajustes que ainda hoje colocam o Brasil como um dos países de maior desnível social, ver-se-à que é também do Brasil de hoje que trata Jorge Amado e que Carlos Zude, apesar de uma personagem de ficção, é ainda figura relevante e tem muitos pares na economia do país.

Contudo, há também a fibra do ser humano corajoso, que não se acomoda, que rejeita o fracasso e a condição permanente de pobre diabo sem passado e sem futuro, como Don’Ana Badaró, a zelar pela memória de seus antepassados para impedir “*que tudo apodreça nesses tempos novos.*” Há, sobretudo, a coragem de Joaquim, que traz em si uma força que o impulsiona a agir contra as adversidades a que o sistema o expõe. Sua consciência social, embora um tanto ingênua, dada sua euforia otimista, proporciona-lhe um vislumbre de saída para o futuro. O tempo passado, a vida presente, não são vistos por ele com amargura, não são sentidos como entaves que não possam ser superados. Ao contrário dos personagens fracassados que surgiram em nossa literatura na década de 30, como Luís da Silva, de *Angústia*, ou mesmo contra a premissa enfática “*somos uma geração fracassada*”, do personagem Rui Dantas, Joaquim crê na mudança, na possibilidade de transformação para melhor, pois, para ele, a harmonia ainda é possível, bastando a vontade dos indivíduos que constituem os grupos sociais.(Ribeiro, 2001)

Assim é o Jorge Amado de São Jorge e de Ilhéus, um crente na vida e na literatura, espírito branco encarnado na defesa dos mais fracos, escritor que exporta suas obras junto com o cacau da Bahia e como tal é conhecido no mundo inteiro. É um pouco da história de nosso povo guerreiro que se conta em vários países do mundo, de forma saborosa, consistente e agridoce, como os frutos de nossas *terras do sem-fim*.